

GT 2 – Organização e Representação do Conhecimento

ISSN 2177-3688

GARANTIA LITERÁRIA, NEOLOGISMOS E SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO: APROXIMAÇÕES

LITERARY WARRANT, NEOLOGISMS AND CLASSIFICATION SYSTEMS: APPROACHES

Patrícia Ofélia Pereira de Almeida - Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Cristina Ribeiro dos Santos - Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Lucilene Aparecida Francisco - Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR)

Ana Cristina de Albuquerque - Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Mário Barité - Universidade de la República (UDELAR - Uruguai)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Os sistemas de classificação demandam frequentes atualizações em sua estrutura, considerando que estão fundamentados na definição de categorias de assuntos que representam o conhecimento. É importante perceber como estas terminologias são definidas e quais os critérios para sua inserção nos sistemas de classificação. Este trabalho visa refletir a respeito da inclusão de neologismos como classes/categoria de assuntos na Classificação Decimal de Dewey (CDD) a partir da garantia literária. Trata-se de uma pesquisa básica, bibliográfica e documental, em que a classe “025.042 - World Wide Web” é analisada no intuito de identificar neologismos que se consolidaram enquanto campos do saber. Nos resultados obtidos, foram identificados termos/neologismos como categorias de assunto, que foram incluídas na CDD com base na garantia literária. Como conclusão, verificou-se que a dinamicidade da língua pode se refletir nos sistemas de classificação, levando-os a utilizar neologismos para incluir e representar novas categorias de assunto. Ressalta-se, que essa inclusão deve considerar alguns pré-requisitos importantes, como a garantia literária, para a validação do termo enquanto um novo tema de pesquisa ou área do saber.

Palavras-chave: garantia literária; neologismos; sistemas de organização do conhecimento; Terminologia; Classificação Decimal de Dewey.

Abstract: Classification systems require frequent updates in their structure, considering that they are based on the definition of subject categories that represent knowledge. It is important to understand how these terminologies are defined and what are the criteria for their inclusion in classification systems. This work aims to reflect on the inclusion of neologisms as classes/categories of subjects in the Dewey Decimal Classification based on literary warrant. This is a basic, bibliographical and documentary research, in which the class “025.042 - World Wide Web” is analyzed in order to identify neologisms that have consolidated as fields of knowledge. In the obtained results, terms/neologisms were identified as subject categories, which were included in the CDD based on the literary warrant. As a conclusion, it was verified that the dynamism of the language can be reflected in the classification systems, leading them to use neologisms to include and represent new subject categories. It should be noted that this inclusion must consider some important prerequisites, such as literary warrant, for the validation of the term as a new research topic or area of knowledge.

Keywords: warrant literary; neologisms; knowledge organization systems; Terminology; Dewey Decimal Classification.

1 INTRODUÇÃO

A Organização do Conhecimento tem como base o arranjo metodológico de assuntos semelhantes em um determinado domínio. A classificação das ciências e a Filosofia estabelecem as primeiras diretrizes para o encadeamento das áreas, na qual Platão (427-347 a. C.) foi o primeiro filósofo a categorizar o conhecimento, dividindo-o em três classes: Física, Ética e Lógica (MONTEIRO; GIRALDES, 2008). Assim, os Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC) se fundamentam na estruturação dos conceitos e em suas relações semânticas (BRASCHER; CAFÉ, 2008), em que a estrutura básica da classificação das áreas do conhecimento parte de um conceito do assunto geral da classe, e se desenvolve em divisões e subdivisões que estabelecem e representam o nível de especificidade do assunto.

Sob outro aspecto, “Vale observar que essas categorias são utilizadas como ordem de assunto na classificação e na indexação pré-coordenada, de modo que o assunto principal seria a substância, que apresenta uma qualidade, que se apresenta em um lugar, em determinada época” (MONTEIRO; GIRALDES, 2008, p. 17). Nesse sentido, a sistematização dos conceitos viabiliza a identificação de temas, tanto em relação à sua concepção, abstração, significado e representação, quanto às relações de hierarquia e equivalência. Essas relações almejam que os temas sejam agrupados com base em seus fundamentos teóricos e de aplicação, aproximando focos de interesse e viabilizando uma sequência lógica de disposição.

Quando novos assuntos ou focos de interesse emergem, as palavras utilizadas para identificá-los surgem na linguagem natural, que posteriormente se modificam ou se solidificam, por adequação aos conceitos que representam. Nesse contexto, “[...] todos os vocabulários controlados são nutridos e atualizados pela linguagem natural, pois existe sim uma relação complementar entre um e outro” (BARITÉ, 2015, p. 96), então os termos que representam os assuntos podem ser constituídos por neologismos, que sofrem um processo de maturação e se consolidam dentro de um domínio.

Nessa direção, destacam-se para o presente propósito: i) a *Classificação Decimal de Dewey (CDD)*, a qual identifica e ordena numericamente os temas com base em suas semelhanças e diferenças; ii) a *Representação do Conhecimento*, por meio das linguagens documentárias (o que envolve conceitos e neologismos) como elementos que atuam diretamente na descrição temática dos documentos; iii) a *validação dos assuntos emergentes*

por meio da garantia literária, que supre com bases empíricas a adoção do novo conceito enquanto representação temática da informação e do campo de conhecimento.

Partindo do princípio de que a CDD é um sistema utilizado para a identificação de assuntos de documentos, importa ressaltar que a inserção dos que são emergentes é uma forma de garantir que sejam reconhecidos e relacionados enquanto campos do saber. A ausência de um tema na CDD, bem como em outros SOC, não inviabiliza sua discussão, mas a sua inclusão consolida o reconhecimento da relevância do tema enquanto campo de conhecimento e interesse de pesquisa.

Em decorrência disso, surgiu a seguinte inquietação: Neologismos podem ser utilizados para nomear classes do conhecimento em SOC, como a CDD, mediante influência e sustentação da garantia literária?

Diante do exposto, o presente artigo tem como objetivo refletir a respeito da inclusão de neologismos como termos que representam classes/categorias de assuntos na CDD a partir da garantia literária. Trata-se de uma pesquisa básica, bibliográfica e documental, em que a classe “025.042 - *World Wide Web*” será analisada no intuito de identificar neologismos que se consolidaram enquanto campos do saber. A delimitação pela referida classe se deu por tratar-se de um assunto emergente após os anos 1990, e que influenciou sobremaneira o campo científico, com reflexos na sociedade no âmbito político, econômico e industrial.

2 CLASSIFICAÇÃO DECIMAL DE DEWEY

Ao longo da história das bibliotecas e de outras unidades de informação, a organização e guarda dos livros, dentre outros documentos, despertou o interesse de inúmeros profissionais e pesquisadores. Melville Louis Kossuth Dewey, ou simplesmente Melvil Dewey (1851-1931), foi um bibliotecário que já em sua tenra idade se preocupava não somente com a organização da biblioteca, mas em fazê-lo economizando esforços (OCLC, [2023a]). Com isso, empenhou-se em desenvolver um sistema de organização do acervo que evitasse o retrabalho de ordenação da coleção retrospectiva, e ainda permitisse o crescimento contínuo da coleção, de forma que a aquisição de novas obras não interferisse na ordenação dos itens já registrados.

Conforme Wiegand (1976), a CDD foi concebida por Melvil Dewey com base nos pontos fortes dos esquemas de classificação anteriormente propostos por Cutter, Harris e Shurtleff. O sistema de Dewey foi constituído com o princípio de dividir o conhecimento em nove classes, que poderiam ser subdivididas, adicionando um ponto decimal para separar a

subclasse da classe principal. A primeira versão, basicamente um folheto simplificado, foi apresentada ao *Amherst College Library Committee* em 1873, e publicada, de forma anônima, em 1876 (WIEGAND, 1976). A partir de então, houve outras contribuições e atualizações de subclasses, e a CDD vem se desenvolvendo continuamente. Utilizada por milhares de unidades de informação, está, atualmente, na edição 2023, no formato online e impresso.

Ainda que existam discussões acerca da inflexibilidade hierárquica dos sistemas de classificação pautados na teoria do conhecimento (FUJITA, 2001), a CDD se apresenta como uma referência para a classificação e organização dos acervos, pois além de agrupar os materiais por área de interesse, e assim facilitar ao usuário a consulta à coleção, também viabiliza um crescimento ordenado e uma dinâmica de fluxo de empréstimo e guarda de material menos exaustivas. Destaca-se ainda, que o sistema decimal favorece a inclusão de novos assuntos, em virtude de que, entre dois números decimais, sempre pode-se inserir outro, ou de que sempre pode agregar-se um número mais específico que o anterior nessa estrutura.

3 NEOLOGISMOS: CARACTERÍSTICAS E FUNÇÕES

Alcançar a integração, o entendimento e o intercâmbio dos conhecimentos, bem como realizar os processos da Organização e Representação do Conhecimento, atualmente, é um esforço imenso e extenso, pois “A língua é viva, dinâmica, está em constante movimento – toda língua viva é uma *língua em decomposição e em recomposição, em permanente transformação*. É uma fênix que de tempos em tempos renasce das próprias cinzas” (BAGNO, 1999, p. 117).

Partindo dessa afirmação, Assirat (1998, p. 122) destaca que “[...] o léxico é a dimensão da língua que está em constante evolução; enquanto algumas palavras tornam-se arcaicas e conseqüentemente caem em desuso, outras incorporam-se à língua [...]”. Segundo a autora, os empréstimos lexicais são exemplos dessa incorporação. Assim, esses termos, “[...] criados ou emprestados, constituem os neologismos, termo que significa nova palavra, composto do grego *neo* (novo) e do grego *logos* (palavra). Ao processo de criação lexical damos o nome de *neologia*” (ASSIRAT, 1998, p. 122). A origem dos neologismos decorre do fato de que “[...] tudo muda no universo, e a língua também” (BAGNO, 1999, p. 117). Logo, o uso da língua(gem) possui tal característica de transformação, de reinvenção e reinterpretção, acarretando toda uma carga social, por ser uma ação humana. Tal fato pode ser transposto para a organização dos catálogos, na escolha dos descritores e, por consequência, nos sistemas de classificação.

XXIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB
Aracaju-SE – 06 a 10 de novembro de 2023

Assim, no domínio da Ciência da Informação, encontra-se a definição de neologia como sendo um “[...] processo de formação ou criação de termos ou acepções novas” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 258), ou ainda, “1. Emprego de palavras novas, derivadas ou formadas de outras já existentes, na mesma língua ou não. 2. Atribuição de novos sentidos a palavras já existentes na língua” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 258). Dessa forma, a nomenclatura atribuída a objetos de estudo pode ser considerada uma das formas de nomear novos assuntos, ou renomear assuntos revisitados, atualizando o conceito que se detém a respeito dos respectivos objetos.

Há duas questões sobre as quais é necessária uma reflexão: i) Quando é possível identificar que se está diante de um neologismo? e ii) Quando deixa de ser um neologismo? Em relação à primeira, os linguistas geralmente utilizam como apoio um corpus de exclusão, ou seja, algum instrumento que identifique quando um termo faz parte da língua, por exemplo, os dicionários gerais ou classificações especializadas. Se a nova expressão não estiver registrada em um corpus de exclusão, há uma primeira evidência de que pode se tratar de um neologismo. Para responder ao segundo questionamento, vários critérios são usados (ou combinados), a saber, quando o neologismo é registrado em dicionários, quando não é mais marcado como tal (em textos de periódicos os termos ainda não popularizados/reconhecidos são escritos em itálico, entre aspas ou em negrito, por exemplo), ou quando se entende que uma expressão foi suficientemente socializada.

Ao enfatizar o caráter dinâmico dos conceitos, Deleuze e Guattari (2010, p. 15) defendem que “[...] apesar de datados, assinados e batizados, os conceitos têm sua maneira de não morrer, e, todavia, são submetidos a exigências de renovação, de substituição, de mutação [...]”. Na perspectiva dos autores, no processo de criar conceitos, na questão do uso, ou na utilidade da filosofia surgem muitos problemas, “[...] alguns solicitam arcaísmos, outros neologismos, atravessados por exercícios etimológicos quase loucos [...]. Deve haver em cada caso uma estranha necessidade destas palavras e de sua escolha, como elemento do estilo” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 15).

Corroborando com essa discussão, Barros (2016, p. 107) afirma que os conceitos são criados a partir do “[...] uso de novas palavras para expressar novas formulações conceituais - podem ocorrer tanto nos ambientes científicos e acadêmicos, como na vida comum, nos meios políticos e nos ambientes populares”. Assim, “[...] o neologismo passou a ser instrumentalizado por grupos políticos da mesma época, sendo mais tarde exportado para

XXIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB
Aracaju-SE – 06 a 10 de novembro de 2023

outros contextos políticos e históricos” (BARROS, 2016, p. 107). Para Medeiros (1986, p. 139), os neologismos “[...] são termos ou palavras novas incorporadas ao uso linguístico, que resultam de um processo de criação de unidades lexicais, denominado neologia”.

De acordo com a autora supracitada, os neologismos podem ser divididos em três categorias: (a) neologismo de forma, (b) neologismo de significado, (c) neologismo por empréstimo e sua especificidade - empréstimo por tradução. O neologismo de forma corresponde às novas palavras criadas por meio de recursos linguísticos como: derivação, composição, compressão/redução morfológica. Já os neologismos de significado referem-se às palavras já existentes que passam a denominar novos conceitos, ou seja, recebem novos significados. E, por fim, o neologismo por empréstimo e empréstimo por tradução, que são:

[...] [neologismos] provenientes de línguas estrangeiras usados na forma original, ou adaptados de acordo com a estrutura fonológica e ortográfica da língua receptora. [...] apenas os termos que sofreram modificações em sua forma original ou aqueles que foram traduzidos, pois os termos adotados na língua original não podem ser considerados produtos de um processo de criação neológica (MEDEIROS, 1986, p. 139).

Assirat (1998, p. 122), revisitando Guilbert (1975), classifica da seguinte forma:

a) Neologismos fonológicos, que se baseiam na formação da substância do significante e na sua transcrição; b) Neologismos sintagmáticos, que reúnem todos os modos de formação os quais requerem a combinação de elementos diferentes; eles são morfossintáticos e abarcam todas as formas de derivação; c) Neologismos semânticos, que consistem na mudança semântica sem que uma nova forma significante seja criada, são do domínio do significado; d) Neologismos por empréstimo, que definem os diferentes aspectos do empréstimo em um novo sistema linguístico.

A partir das considerações de Medeiros (1986), Assirat (1998), Bagno (1999), Cunha e Cavalcanti (2008) e Barros (2016), observa-se que os neologismos possuem uma diversidade dinâmica, intimamente relacionada às mudanças ocorridas na sociedade e estão presentes nas mais diferentes esferas sociais. Assirat (1998, p. 122) afirma que a língua é o espelho da cultura, reflete a efervescente busca por novidades, “[...] evoluindo rapidamente com a introdução de novos termos que vão nomear as mais recentes criações”. Essa dinamicidade da língua pode se refletir nos sistemas de classificação, levando-os a utilizar neologismos para incluir e representar novas categorias de assunto.

Contudo, essa inclusão não pode ser feita de forma aleatória. Ao contrário, deve considerar alguns pré-requisitos importantes para a validação do termo enquanto um novo

tema de pesquisa ou área do saber (OCLC, 2021). Um desses critérios é a garantia literária, apresentada na próxima seção.

4 GARANTIA LITERÁRIA COMO VALIDAÇÃO DE NEOLOGISMOS

A necessidade de sistematizar o conhecimento é antiga, remete aos povos milenares (egípcios, assírios e babilônios) e às suas tentativas de representar e ordenar o mundo externo. Tal tarefa se perpetua até hoje como um complexo processo de categorização do conhecimento que leva em conta diversos parâmetros histórico-sociais, os quais dificultam uma definição espaço-temporal definitiva ou permanente, dentre eles a dinamicidade da própria língua, fato que exige dos sistemas de classificação constantes revisões e atualizações. Importante notar que o ato de classificar está fundamentado na definição de categorias de assuntos que expressem e representem o conhecimento para possa ser identificado e recuperado. Nesse contexto, além de olhar para como essas categorias estão organizadas, é importante perceber como essas classes de assuntos se formam e quais os critérios para sua inserção nos sistemas de classificação (SIQUEIRA, 2010).

A atualização ou inserção de categorias de assunto nos sistemas de classificação segue alguns pré-requisitos, ou seja, deve atender a algumas garantias de que essas novas categorias representam um assunto relevante discutido em um determinado domínio de conhecimento. Beghtol (1986), ao observar o eixo semântico dos sistemas de classificação bibliográfica, destaca a garantia literária, dentre as garantias que têm sido usadas para justificar a utilidade/necessidade de uma categoria de assunto. Ainda conforme Beghtol (1986), essa expressão foi cunhada por Hulme para designar que a criação de uma classe de assuntos nos sistemas de classificação deve basear-se na literatura e nas publicações que descrevem e discutem o tema em um determinado domínio de conhecimento.

Para Barité *et al.* (2010, p. 124):

[...] a concepção original de garantia literária se sustenta na ideia nuclear de que a literatura de um domínio deve ser a fonte para extração e validação da terminologia a ser incorporada em um sistema de classificação, ou em qualquer outro sistema de organização do conhecimento.

Essa concepção não se funda apenas em aspectos formais da teoria da classificação, visto que “[...] é a documentação que efetivamente atua como fonte de validação dos termos a serem incluídos em um sistema de organização do conhecimento, pois o que se classifica e se indexa são temas presentes nos documentos” (BARITÉ *et al.*, 2010, p. 125).

XXIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB
Aracaju-SE – 06 a 10 de novembro de 2023

Hulme (1911-1982), revisitado por Barité *et al.* (2010), defende a classificação literária como uma atividade filosófica autônoma que busca a compreensão das relações entre os saberes, por isso deve pautar suas garantias naquilo que se encontra efetivamente documentado, diferentemente das classificações científicas ou filosóficas do conhecimento, que podem se basear na suposta autoridade científica dos classificacionistas. Dessa maneira, “[...] os símbolos de classificação e indexação devem ser legitimados por um volume suficiente de literatura” (BARITÉ, 2009, p. 14).

Assim, é a partir da documentação publicada que se estabelecem as lógicas próprias, relacionadas à forma como os “[...] autores propõem, definem, privilegiam, intercambiam, acordam, associam e analisam criticamente os tópicos que estudam, em seus conceitos e denominações” (BARITÉ *et al.*, 2010, p. 126). Segundo os autores, é aí que estão expressos os temas de estudos de um dado domínio, tanto aqueles que se mantiveram vigentes - os que recebem um tratamento intenso das situações da realidade concreta - quanto os que deixaram de ser interessantes, que já superaram as incertezas.

Ainda conforme Barité *et al.* (2010, p. 126), Hulme, ao propor esse novo enfoque para a classificação “[...] centrado antes na documentação propriamente dita que na ciência, na tecnologia ou nas disciplinas humanas e sociais”, alcançou um amplo reconhecimento, uma vez que a garantia literária tornou-se uma ferramenta teórica e metodológica voltada à atualização desses sistemas, embora formulada apenas como critério metodológico para legitimar a inclusão de termos ou classes em sistemas de classificação. Influenciou, inclusive, diversos autores a proporem outras formas de garantia (garantia de usuário, garantia cultural, garantia organizacional) com vistas a melhorar a qualidade dos sistemas de classificação, complementar e enriquecer o conceito original (BARITÉ, 2009).

Barité (2009, p. 15, tradução nossa) esclarece que as classificações documentais ao atribuir rótulos temáticos e simbólicos aos documentos lidam:

[...] com os problemas de sinonímia, ambiguidade, tradução e abrangência das terminologias que surgem e são debatidos na discussão dos assuntos inacabados da ciência, eles devem fornecer ferramentas para classificar as obras de ficção em toda a sua complexidade e variedade, e devem ter a capacidade de representar as relações mais refinadas ou extravagantes que às vezes ocorrem no cerne de um documento.

Dadas essas situações, o autor afirma que a garantia literária parte da ideia de que a literatura de um domínio deve ser a fonte de extração e validação da terminologia a ser

incorporada a um sistema de classificação. Isso porque, embora à primeira vista essa metodologia pareça apenas um “[...] enquadramento ou exibição das áreas preexistentes na literatura, fornecendo o que parece ser uma visão estática do conhecimento, uma espécie de placa fixa do momento em que um termo é extraído da literatura [...]” (BARITÉ, 2009, p. 15 tradução nossa), essa garantia representa, segundo o autor, uma expressão dinâmica e diacrônica da documentação, que pode legitimar uma terminologia enquanto reflete a evolução do conhecimento. Assim, essa validação torna-se o suporte disponível para justificar a inclusão de um termo em um sistema de classificação, sendo necessária a comprovação da existência de documentação sobre o assunto para que esse possa ser considerado um novo campo do saber. Isto posto, os termos selecionados (cabeçalhos, descritores, assuntos ou palavras-chave) tornam-se unidades semânticas, unidades de cognição e unidades de comunicação (CABRÉ, 1999).

Esse modo de legitimação representa, assim, a autoridade necessária para justificar decisões acerca de quais classes/conceitos deverão ser incluídos no sistema, em que ordem devem aparecer nos esquemas e como serão subdivididos. Dessa maneira, essa garantia fornece “[...] a principal autorização para assumir que uma classe, um conceito ou um signo de notação pode ser útil e significativo para os classificadores e, posteriormente, para os usuários dos sistemas” (BEGHTOL, 1986, p. 111, tradução nossa).

Barité (2009) cita alguns sistemas de classificação que se baseiam na garantia literária, dos quais se destaca a CDD. Importante ressaltar que esse sistema de classificação possui uma estrutura terminológica que se relaciona diretamente com essa forma de validação. Quando um tópico de assunto, a partir de um determinado termo, não possui lastro na literatura de determinada área do conhecimento para se atribuir um número próprio, é chamado de “*standing room term*”. Esses termos só podem aparecer em notas de inclusão, notas de classe ou notas de escopo.

A CDD é revisada periodicamente, por várias razões. A inclusão de novas categorias está condicionada à presença de garantia literária, que se confirma pela existência de pelo menos **vinte** trabalhos publicados sobre o assunto (BARITÉ, [2023]; OCLC, [2023b]).

Inicialmente, o conceito de garantia literária foi elaborado em 1911 pelo bibliotecário inglês Edward Wyndham Hulme (1859-1954), e em 1958 se consolidou com as perspectivas de Benjamin Custer (1912-1997), então editor da CDD, ao sinalizar que a criação de uma subdivisão de assunto deveria estar pautada na existência de uma quantidade mínima de

XXIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB
Aracaju-SE – 06 a 10 de novembro de 2023

títulos a respeito do tema nas bibliotecas americanas (BARITÉ, [2023]). Assim, de acordo com o autor, “Vinte obras parecem ser a fronteira entre ter ou não garantia literária. Ou pelo menos para os responsáveis da CDD é a medida do suficiente”.

A inserção de novos termos pode ser sugerida pela comunidade, mas há um processo para análise. O processo inclui, dentre outros procedimentos, o envio da proposta, a revisão do tema na CDD e em outros sistemas, como a *Library of Congress Subject Headings* (LCSH), a consulta pública, e a avaliação do Editorial *Policy Committee* (EPC), composto por bibliotecários, e que se reúnem periodicamente para discutir e avaliar as propostas (OCLC, [2023b]).

Essa forma de legitimação é a “[...] justificativa para o desenvolvimento de uma classe [do conhecimento] ou a inclusão explícita de um tema nos esquemas, tabelas ou Índice Relativo, com base na existência de um corpo de literatura sobre o tema” (OCLC, 2021, tradução nossa). Entretanto, se o neologismo não seja legitimado se possuir certa garantia literária, mas ainda insuficiente para ter número de classificação próprio, ele pode constar nas notas de inclusão, notas de aula ou notas de escopo.

Lima (2022, p. 180), ao mapear a literatura, elabora a seguinte definição para garantia literária:

[...] é um **princípio** ou um **elemento** utilizado pelos **designers/classificacionistas** para **selecionar e validar termos/conceitos** da **literatura** de um **domínio do conhecimento** para **construção de sistema de classificação/sistema de organização do conhecimento**, sendo esses termos considerados relevantes somente se tiverem uma **expressiva representatividade na literatura da área**.

É preciso destacar, ainda, que na visão de Barité (2007) a garantia literária deve refletir também as perspectivas do usuário, os interesses setoriais das organizações, o desenvolvimento de estudos locais, os fatores culturais e semântico-linguísticos. Isso implica que essa validação precisa considerar as perspectivas e demandas daqueles que interagem com a literatura – sejam eles leitores, ouvintes, espectadores, entre outros. Também é vital alinhar-se com os interesses de entidades ou grupos que possam ser impactados ou influenciados pelo que está sendo apresentado. E ainda incorporar ou estar ciente de pesquisas ou estudos realizados em níveis locais, pois isso pode ajudar a garantir relevância e contextualização para públicos específicos. Além de levar em consideração os aspectos culturais (valores, tradições, crenças) e os elementos ligados à linguagem (como significados, uso de palavras e estruturas linguísticas) ao se avaliar um novo termo (BARITÉ, 2007).

Em suma, a garantia literária deve adotar uma abordagem holística para garantir a qualidade ou relevância do tema, considerando não apenas o conteúdo em si, mas também as diversas perspectivas e contextos dos potenciais consumidores e influenciadores desse conteúdo. Essa forma de legitimação, configura-se, portanto, como uma forma de seleção e validação de termos significativos para um dado domínio, capazes de representar o estado e a produção de conhecimentos naquela área.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: RELAÇÕES ENTRE NEOLOGISMO, GARANTIA LITERÁRIA E A CDD

A explanação apresentada anteriormente tem como base as questões da comunicação e fatores linguísticos, bem como fatores socioculturais, regulados pela garantia literária, no que concerne à inclusão das classes ou assuntos nos esquemas, tabelas ou índices, tais como a CDD. Piedade (1983, p. 87) destaca que “Dewey não foi o primeiro a dividir os livros de uma biblioteca por assunto, mas foi o primeiro a atribuir símbolos de classificação aos próprios livros”. Tal criação passaria ao longo das décadas por diversos acréscimos.

Retomando o objetivo deste estudo, qual seja, refletir a respeito da inclusão de neologismos como classes/categoria de assuntos na CDD a partir da garantia literária, desenvolveu-se uma análise na classe “025.042 - World Wide Web”, com a intenção de identificar os assuntos que possuem características da neologia.

Destaca-se que durante a análise dos processos de atualização dos sistemas de classificação, em específico as suas aproximações com o neologismo, percebeu-se uma maior incidência de assuntos conectados à questão das tecnologias da informação que, por sua vez, estabelece-se no âmbito das plataformas da internet. Termos como “Google”, um neologismo advindo de números (Significados, [2023]), um dos mais célebres dos neologismos recém-inventados, ou de combinações que foram criadas, originando termos com um novo significado, ou mesmo a combinação dos seus significados de origem.

Após a análise da classe 025.042, observou-se a presença de três subclasses cuja temática pode ser derivada de neologismos, pela sua estrutura semântica e conceitual. A seguir, serão apresentados os termos selecionados na análise, com suas respectivas origens e significados.

- **025.042 *World Wide Web***: Originalmente um neologismo por composição que passou a ser incorporado rapidamente à língua inglesa. O termo *web* tem sua origem na década de 90, com Timothy Berners-Lee, que projetou o espaço como um “[...] meio livre, aberto a contribuições e sem censura” (NAKANO *et al.*, 2016, p. 26).
- **025.0422 *Web sites***: Neologismo por composição. Termo amplamente utilizado, correspondente a “Espaço virtual definido que pode ter responsabilidade individual, grupal ou institucional, que geralmente contém um conjunto variado de páginas web com informações e outras ferramentas e aplicações, e que possui URL genérica própria” (BARITÉ, 2015, p. 145, tradução nossa).
- **025.04252 *Search engines***: Neologismo por composição. O primeiro dos motores baseado em robôs foi o *WebCrawler*, lançado em abril de 1994. Os motores atuais utilizam o método de robôs, formados por quatro componentes: um robô, que localiza e busca documentos na *Web*; um indexador, que extrai a informação dos documentos e constrói a base de dados; o motor de busca propriamente dito; a interface, utilizada pelos usuários (CENDÓN, 2001, p. 41).

Os assuntos “*World Wide Web*”, “*search engines*” e “*web sites*” surgiram com base em termos cunhados a partir da década de 90, em alguns casos revisitando termos antigos, somando parte de sua gramática, ou ampliação de seu enunciado. As respectivas classes foram incluídas na CDD em 2008, quando ainda não pertenciam ao vocabulário oficial (OCLC, 2012). Ao longo do tempo, em virtude do uso recorrente e das transformações linguísticas, os termos foram internalizados e adotados na terminologia.

A *World Wide Web* (WWW), ou “Rede mundial de computadores” na tradução para a Língua Portuguesa, surgiu com a ideia de conectar grupos de pessoas, sem delimitação de quantidade de participantes, tempo e espaço (BERNERS-LEE; FISCHETTI, 2000). Conforme o autor, havia a expectativa de que as máquinas, inspiradas por humanos, iriam suprir problemas burocráticos cotidianos. Os metadados, ou dados sobre dados, passaram a receber tratamento diferenciado e a serem utilizados de forma mais acurada. O verbete é entendido como “WWW (*World Wide Web*) sigla nome da grande rede de computadores interligados por meio de linha telefônica no mundo todo, via Internet” (SAWAYA, 1999, p. 512). Há uma resignificação, uma inclusão de significados. Nesse aspecto, a *rede* representa uma quantidade sem limites de computadores que se interligam e interagem simultaneamente,

constituindo uma trama de relações. Pode-se, portanto, afirmar que foi um neologismo nos anos 90, e talvez nos primeiros anos do século XXI.

Derivada da WWW, a web semântica configura-se com uma “[...] estrutura para o conteúdo significativo das páginas da Web, criando um ambiente em que os agentes de software que se deslocam de página em página podem prontamente realizar tarefas sofisticadas para os usuários” (BERNERS-LEE, HENDLER, LASSILA, 2001, p. 27). Inicialmente, eram debatidos problemas cotidianos, como ajustes de agenda e logística. Na atualidade, a *web semântica* tem valor fundamental no desenvolvimento da inteligência artificial (IA).

Os “*Web sites*”, ou apenas sites, correspondem a um termo já pertencente à Língua Portuguesa, que dificilmente será lembrado como era denominado anteriormente, a partir de sua tradução literal, ou seja, “sítio”. Compreende um local ou endereço na Internet em que é possível reunir e organizar dados para acesso remoto e interação com o usuário.

Já os “*Search engines*” são facilmente identificados pela tradução “motores de busca”, que remete à ideia de uma máquina ou sistema que realiza o trabalho de busca, seleção, organização e exibição de resultados segundo os argumentos requeridos.

Na classe analisada, foram identificados assuntos correlatos nela contidos, que podem também ser considerados neologismos, como “*front-end systems*”, que proporciona ao aplicativo a aparência inteligível, interativa e agradável para o usuário, e “*online catalogs*”, que traz a ideia dos antigos catálogos em fichas para o ambiente virtual. Contudo, esses são apenas exemplos a título de demonstração da presença dessa expansão com intersecção do neologismo e da garantia literária.

Destaca-se, ainda, o fato de que há uma relação desses termos com a tecnologia da informática, que ora é responsável por esse dinamismo linguístico em virtude dos neologismos por empréstimo, fonológicos, sintagmáticos, semânticos, por exemplo. A resignificação dos conceitos ocorre devido às mudanças da realidade, motivo pelo qual as expressões podem ser recriadas para se adequar e atender a um novo cenário.

Observa-se que, embora os neologismos sejam construções que favorecem o desenvolvimento da língua e, por conseguinte, a produção de conhecimentos, é necessário utilizá-los de forma coerente, pois o emprego de forma descontextualizada, no sentido sociocultural, em um sistema de organização do conhecimento, pode acarretar o desenvolvimento de ruídos na comunicação, ou seja, na recuperação da informação pelo usuário (MEDEIROS, 1986). É válido lembrar que tal atenção ao uso dos neologismos nos

processos e produtos da Organização e Representação do Conhecimento, como os tesouros e os sistemas de classificação, é importante, principalmente quando se trata do âmbito acadêmico, em que o controle e a padronização são uma necessidade.

Com base no exposto, infere-se que os neologismos surgem em linguagem natural, passam por um processo de maturação pelo uso recorrente, se solidificam e se adequam aos conceitos que representam. A frequência de uso em publicações de um domínio, enquanto palavra que representa um assunto, o valida por meio da garantia literária para ser utilizado como termo para representar classes/categorias de assuntos na CDD.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletir a respeito da inclusão de neologismos como classes/categoria de assuntos na CDD a partir da garantia literária, observou-se que estes representam novos termos e conceitos que podem ser inseridos na língua, e que os sistemas de classificação, por sua vez, devem incorporá-los a fim de melhor representar a evolução da produção do conhecimento em um dado domínio. Isso significa dizer que esses sistemas devem realizar constantes atualizações/revisões com vistas a assimilar os reflexos do fato de a língua ser viva, dinâmica, e estar em constante movimento (BAGNO, 1999).

Dessa forma, verificou-se que a inclusão de neologismos nos sistemas de classificação, em especial, na CDD, pressupõe o cumprimento de alguns pré-requisitos, como a garantia literária, a consulta pública e o parecer de um comitê certificado, para que um termo possa assumir o posto de uma classe, um conceito ou mesmo um signo de notação e ser útil e significativo para os classificadores e, posteriormente, para os usuários desses sistemas.

A verificação da 045.042 da CDD apontou a presença dos termos World Wide Web, Websites e Search Engines que surgiram a partir da década de 1990 com o desenvolvimento tecnológico. Tais termos passaram a ser utilizados para designar conceitos amplamente debatidos após o advento da internet. Dada a representatividade que alcançaram, foram incorporados à língua e, conseqüente, à CDD, designando uma nova classe ou subclasse de conhecimento.

A presença desses neologismos revela que o processo classificação, além de voltar-se para o tratamento com vistas à organização e recuperação da informação, deve levar em consideração diversos parâmetros histórico-sociais, dentre eles a dinamicidade da própria língua, a necessidade de minimizar ambigüidades e alterações no entendimento, na grafia e até mesmo nos enunciados que compõem ou que irão acender e ocupar um espaço na

XXIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB
Aracaju-SE – 06 a 10 de novembro de 2023

classificação de assunto presente na CDD. O uso dos neologismos, em especial no meio acadêmico, torna evidente um processo natural de desenvolvimento e mudanças que acompanham esse domínio, que reúne entre as suas principais ferramentas, a definição, as associações, as relações e os intercâmbios de conhecimentos, ou mesmo o desenvolvimento de análises que têm em seu cerne os conceitos.

Ressalta-se que a classe 045.042, foi tomada como exemplo neste trabalho, mas pode haver neologismos em várias outras classes da CDD. A inclusão do termo, como mencionado anteriormente, depende da regularidade com que aparece nas publicações. Assim, um neologismo pode ser integrado como denominação de uma nova categoria na CDD, contanto que possua respaldo literário.

Por fim, destaca-se que os vocábulos *World Wide Web*, *Web sites* e *Search engine* são exemplos da inclusão dos neologismos na linguagem oficial e na CDD. Atualmente, estes termos já estão estabelecidos na língua inglesa (tal fato pode ser identificado pela ausência de marcações no verbete nos dicionários), além de já estar integrado a sistemas de classificação e gerando outros neologismos, como *web* semântica.

REFERÊNCIAS

ASSIRATI, Elaine Therezinha. Neologismo por empréstimo na informática. **Alfa**, São Paulo, v. 42, n. esp., 1998, p. 121-145. Disponível em:

<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4047/3711>. Acesso em: 24 jun. 2023.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 49. ed. São Paulo: Loyola, 1999. Disponível em:

https://professorjailton.com.br/novo/biblioteca/preconceito_linguistico_marcos_bagno.pdf. Acesso em: 20 jun. 2023.

BARITÉ, Mario *et al.* **Diccionario de Organización del Conocimiento**: clasificación, Indización, Terminología. 6. ed. corregida y aumentada. Montevideo: CSIC, 2015.

BARITÉ, Mario *et al.* Garantia literária: elementos para uma revisão crítica após um século. **TransInformação**, Campinas, v. 22, n. 2, p. 123-138, 2010. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/tinf/a/prtXbCcMkLD48hdnHR4tcfS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 jun. 2023.

BARITÉ, Mario. Garantia literária e normas para a construção de vocabulários controlados: aspectos epistemológicos e metodológicos. **SCIRE**, Zaragoza, v. 15, n. 2, 2009, p. 13-24.

Disponível em: <https://www.ibersid.eu/ojs/index.php/scire/article/view/3709/3470>. Acesso em: 23 jun. 2023.

**XXIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB
Aracaju-SE – 06 a 10 de novembro de 2023**

BARITÉ, Mario. La garantía literaria: vigencia y proyección teórico-metodológica. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 8., 2007, Salvador. **Anais [...]**. Salvador, UFBA, 2007. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/172649>. Acesso em: 20 jun 2023.

BARITÉ, Mario. Literary warrant. *In: HJØRLAND, Birger (Ed.). ISKO Encyclopedia of Knowledge Organization (IEKO)*. [2023]. Disponível em: https://www.isko.org/cyclo/literary_warrant. Acesso em: 24 set. 2023.

BARROS, José D'Assunção. **Os conceitos: seus usos nas ciências humanas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

BEGHTOL, Clare. Semantic validity: concepts of warrant in bibliographic classification systems. **Library Resources & Technical Services**, [s.l.], v. 30, n. 2, p. 109-123, 1986. Disponível em: <http://downloads.alcts.ala.org/lrts/lrtsv30no2.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2023.

BERNERS-LEE, Tim; FISCHETTI, Michael. **Weaving the Web: the original design of the World Wide Web by its inventor**. New York: Harper Business, 2000.

BERNERS-LEE, Tim; HENDLER, James; LASSILA, Ora. The Semantic Web: a new form of Web content that is meaningful to computers will unleash a revolution of new possibilities. **Scientific American**, New York, v. 284, 2001, p. 28-37.

BRASCHER, Marisa; CAFÉ, Lígia. Organização da informação ou organização do conhecimento? *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB*, 9., 2008, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ECA/USP, ENANCIB, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/176535>. Acesso em: 18 dez. 2022.

CABRÉ, María Teresa. **La terminología: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa**. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1999.

CENDÓN, Beatriz Valadares. Ferramentas de busca na Web. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 39-49, 2001. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/937>. Acesso em: 28 jun. 2023.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos/ Livros, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34113>. Acesso em: 24 jun. 2023.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Organização do conhecimento: algumas considerações para o tratamento temático da informação. *In: CARRARA, Kester. Educação, universidade e pesquisa: textos completos do III Simpósio em Filosofia e Ciência: paradigmas do conhecimento no final do milênio*. Marília: Unesp; São Paulo: Fapesp, 2001. p. 29-34. Disponível em: https://ebooks.marilia.unesp.br/index.php/lab_editorial/catalog/book/139. Acesso em: 24 jun. 2023.

XXIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB
Aracaju-SE – 06 a 10 de novembro de 2023

LIMA, Gercina Ângela. A Garantia Literária na Representação do Conhecimento. **Fronteiras da Representação do Conhecimento**, Minas Gerais, v. 1, n. 2, p. 164–195, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fronteiras-rc/article/view/41831/31906>. Acesso em: 30 jun. 2023.

MEDEIROS, Marisa Bräscher Basílio. Terminologia brasileira em ciência da informação: uma análise. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 1, n. 2, 1986. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/234/234>. Acesso em: 28 jun. 2023.

MONTEIRO, Silvana Drumond; GIRALDES, Maria Júlia Carneiro. Aspectos lógico-filosóficos da organização do conhecimento na esfera da Ciência da Informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 18, n. 3, p. 13-27, 2008. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/repositorio/2015/12/pdf_95a3f811a8_0000005235.pdf. Acesso em: 24 jun. 2023.

NAKANO, Natália *et al.* Web Semântica no repositório BRAPCI: Uma revisão da Literatura. **Brazilian Journal of Information Science: Research Trends**, v. 9, n. 2, fev. 2016, Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/5688/3901>. Acesso em: 24 jun. 2023.

ONLINE COMPUTER LIBRARY CENTER - OCLC. **Dewey Decimal Classification glossary**. London: OCLC, 2021. Disponível em: https://help.oclc.org/Librarian_Toolbox/OCLC_glossaries/Dewey_Decimal_Classification_glossary. Acesso em: 30 jun. 2023.

ONLINE COMPUTER LIBRARY CENTER - OCLC. **Melvil Dewey biography**. [2023a]. Disponível em: <https://www.oclc.org/en/dewey/resources/biography.html>. Acesso em: 23 jun. 2023.

ONLINE COMPUTER LIBRARY CENTER - OCLC. **The World Wide Web and Special-purpose computer systems**. 2012. Disponível em: <https://ddc.typepad.com/025431/2012/01/the-world-wide-web-and-special-purpose-computer-systems.html>. Acesso em: 30 jun 2023.

ONLINE COMPUTER LIBRARY CENTER - OCLC. **What does it take to change something in the DDC?** [2023b]. Disponível em: <https://ddc.typepad.com/025431/2023/04/what-does-it-take-to-change-something-in-the-ddc.html>. Acesso em: 30 jun 2023.

PIEIDADE, Maria Antonieta. Requião. **Introdução à teoria da classificação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 1983.

SAWAYA, Márcia Regina. **Dicionário de informática & Internet**: inglês/português. 3. ed. São Paulo: Nobel, 1999.

SIGNIFICADOS. [2023]. Disponível em: <https://www.significados.com.br/google>. Acesso em: 24 jun. 2023.

SIQUEIRA, Jéssica Câmara. O conceito de classificação: uma abordagem histórica e epistemológica. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, Nova Série, São

XXIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB
Aracaju-SE – 06 a 10 de novembro de 2023

Paulo, v. 6, n. 1, p. 37-49, 2010. Disponível em:

<https://brapci.inf.br/index.php/res/download/41596>. Acesso em: 20 jun. 2023.

WIEGAND, Wayne A. **Irrepressible reformer**: a biography of Melvil Dewey. USA: American Library Association, 1976. Disponível em:

http://books.google.com.br/books?id=d3iCt6HcgdcC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 24 jun. 2023.